

## Argumento do jornalista.

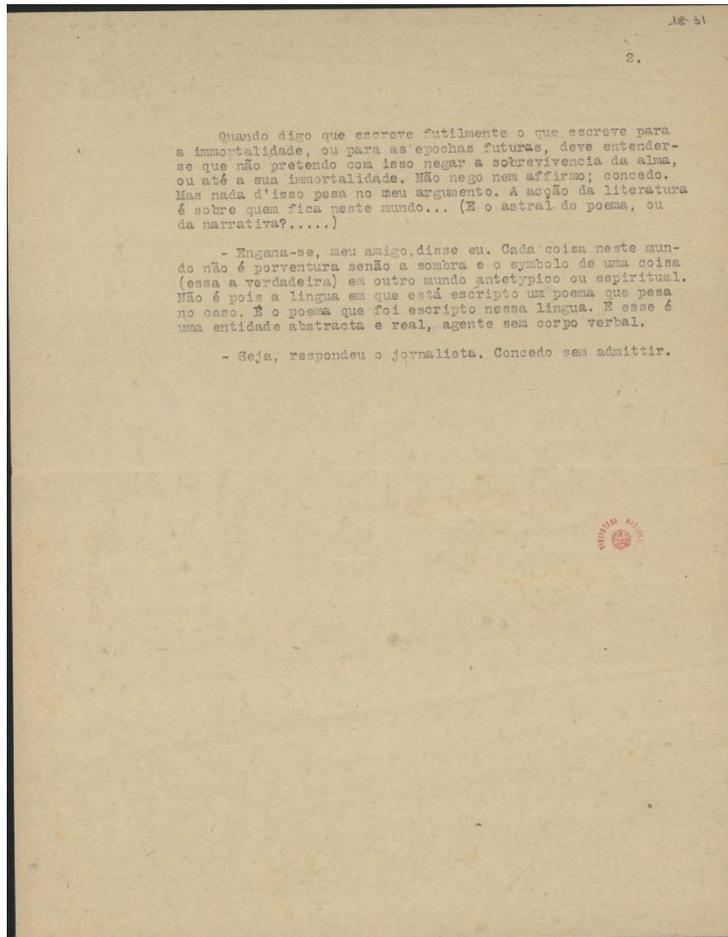
As artes todas são uma futilidade perante a litteratura. As artes que se dirigem à visualidade, além de serem unicos seus productos, e pereciveis, podendo portanto, de um momento para o outro, deixar de existir, não existem senão para crear ambiente agradável, para distrahir ou entreter - exactamente como as artes de representar, de cantar, de dançar, que todos reconhecem como sendo inferiores em relação às outras. A propria musica não existe senão enquanto executada, participando portanto da futilidade das artes de representação. Tem a vantagem de durar, em partituras; mas essa não é como a dos livros, ou coisas escriptas, cuja valia está em que são partituras accessiveis a ~~xxx~~ todos que sabem ler, existindo alli para a interpretação immediata de quem lê, e não para a interpretação do executante, transmitida depois ao ouvinte.

As literaturas, porém, são escriptas em linguas diferentes, e, como não ha possibilidade de haver uma lingua universal, nem, se vier a havel-a, será o grego antigo, onde tantas obras de arte se escreveram, ou o latim, ou o inglez ou outra qualquer, e se fôr uma d'ellas não será as outras, segue que a litteratura, sendo escripta para a posteridade, não a attinge senão, ~~em~~ na maioria dos casos, em referencias indirectas, nomes sem sentido, numa vida de citação traduzida e dictionario.

O jornalismo, sendo literatura, dirige-se todavia ao homem immediato e ao dia que passa. Tem a força ~~das artes~~ directa das artes inferiores mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuaes; tem a força ~~de ser igual à~~ mental da literatura, por de facto ser literatura. Como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquelle dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa ~~como, porém~~ breve epocha ou curta geração, vive perfeitamente conforme com os seus fins.

Concedo, disse, que Eschylo seja hoje, ainda que translatamente, uma influencia. Nego que uma influencia translata possa ser uma influencia literaria. É para nós como um homem agradável que nos falla uma lingua extranha. Como é agradável, admittimos que esteja dizendo coisas sympathicas. Como, porém, o fim de dizer é ser entendido, e o não entendemos, ha erro em tudo que está nisto.

A religião e o jornalismo são as unicas forças verdadeiras. Quando se diz que o jornalismo é um sacerdocio, diz-se bem, mas o sentido não é o que se attribue à phrase. O jornalismo é um sacerdocio porque tem a influencia religiosa de um sacerdote; não é um sacerdocio no sentido moral, pois não ha, nem pode haver moral no jornalismo, que serve o momento que passa, em o qual não cabe, nem pode caber, moralidade.



Quando digo que escreve futilmente o que escreve para a immortalidade, ou para as epochas futuras, deve entender-se que não pretendo com isso negar a sobrevivencia da alma, ou até a sua immortalidade. Não nego nem affirmo; concedo. Mas nada d'isso pesa no meu argumento. A acção da literatura é sobre quem fica neste mundo... (E o astral do poema, ou da narrativa?.....)

- Engana-se, meu amigo, disse eu. Cada coisa neste mundo não é porventura senão a sombra e o symbolo de uma coisa (essa a verdadeira) em outro mundo antetypico ou espirital. Não é pois a lingua em que está escripto um poema que pesa no caso. É o poema que foi escripto nessa lingua. E esse é uma entidade abstracta e real, agente sem corpo verbal.

- Seja, respondeu o jornalista. Concedo sem admittir.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).